# Chorar as crianças de Gaza, como no tempo de Herodes e Jesus

*Ao meu colega e amigo de origem judaica, Gregory Baum (1923-2017), teólogo e sociólogo, que por pouco conseguiu, sozinho aos 16 anos, escapar da Alemanha nazista em 1939. Livre, lúcido, comprometido e conhecido internacionalmente, ele terá criado os ideais de justiça e paz na opinião pública.*

As festividades do último Natal (2023) foram canceladas em Belém, na Cisjordânia. Esta foi uma decisão da cidade e dos cristãos palestinos - exceção feita a uma modesta liturgia da comunidade local - em solidariedade com os seus compatriotas em Gaza onde, lá também, “Raquel chora pelos seus filhos”. Numa escola (como em Ramallah, nesta foto), foi montada uma creche altamente significativa: uma criança palestina (uma boneca) colocada entre pedras carbonizadas vindas de uma casa destruída por tiros! Isto porque nesta virada de final 2023-início 2024, de certa forma está sendo revivida, e possivelmente em maior escala, o drama ligado ao nascimento de Jesus e às suas consequências nesta mesma terra do Oriente Médio. As analogias ou ressonâncias, tanto em termos de contexto (de opressão) como de certos acontecimentos e seus significados, pareciam-me numerosas entre as notícias da atualidade Israel-Palestina e os testemunhos das histórias bíblicas, com conotações eminentemente dramáticas e trágicas.

# Naquele tempo…

Segundo os Evangelhos, um jovem casal da Galileia, por ordem do imperador Augusto, senhor do poder conquistador romano, teve que ir registrar-se em Belém da Judéia, cidade do rei Davi, ancestral de José, esposo de Maria. O Império, de fato, manteve as populações conquistadas sob vigilância constante graças, nomeadamente, à ocupação militar e a um censo regular. Foi ali que Jesus nasceu inesperadamente, nas difíceis condições de um estábulo adjacente a um albergue já lotado (Lucas 2). Pouco depois, magos (sacerdotes e astrólogos) do Oriente chegaram a Jerusalém, em busca do “rei dos judeus que acabara de nascer”, e cuja estrela tinham seguido desde o seu país. O feroz rei Herodes governava então a Palestina, como subordinado ou subcontratante judeu do Império Romano. (Aliás, o termo “herodianos” era usado na América Latina nas décadas de 1960 e 1970, para designar os membros da classe local cúmplices das multinacionais e das forças imperialistas presentes em vários países). Herodes começou a se preocupar com seu trono e com os privilégios a ele associados, especialmente depois que os sumos sacerdotes lhe disseram que, segundo o profeta Miquéias, seria de fato em Belém que este líder que se tornaria o “pastor do povo de Israel” (Mateus 2, 6).

Os magos acabaram encontrando a criança em Belém, mas, informados dos verdadeiros planos de Herodes, voltaram para casa por outro caminho, sem retornar a Jerusalém nem o informar de sua descoberta como ele os havia instruído a fazer. José e Maria foram logo alertados sobre a ameaça de Herodes de matar a criança e decidiram imediatamente seguir o caminho do exílio em direção ao Egito (Mateus 7, 12-13). E, de fato, furioso por ter sido enganado pelos sábios, Herodes realizou o massacre de todas as crianças menores de dois anos na cidade de Belém e arredores (Mateus 2, 16). Tal como o Israel de hoje, Herodes não era um homem que quisesse partilhar a sua soberania com ninguém, mesmo que isso significasse contradizer o que diziam as Escrituras, a cuja autoridade ele estava habituado a referir-se... à sua maneira!

O evangelho também relata, depois da tragédia, este oráculo do profeta Jeremias: “Em Rama ouviu-se uma voz que soluçava e lamentava muito: era Raquel que chorava pelos seus filhos e não queria que ninguém a consolasse porque eles já não existem” (Mateus 2, 18). No passado, portanto, Jesus e a sua família enfrentaram a obrigação de uma mudança difícil e inoportuna (Maria estava grávida) numa sociedade sob vigilância política estrangeira, com um nascimento em absoluta precariedade, com ameaça de matar a criança pela própria autoridade política judaica e, consequentemente, uma fuga para o exílio. Depois veio a tragédia do massacre indiscriminado e impensável de duas mil crianças, com o objetivo de destruir toda a esperança e futuro de um povo através da liquidação seletiva desta criança.

# E hoje…

Mais uma vez, um povo inteiro sofre diariamente, tanto em Belém como em toda a Cisjordânia, a ocupação militar e policial de um Estado estrangeiro composta por vários assédios, detenções e prisões arbitrárias (6.170, desde 7 de outubro de 2023), ataques mortais (364 mortos), destruição das suas casas, saque dos seus olivais, desapropriação das suas terras a favor de colonos israelitas armados que ali se estabelecem ilegalmente, bem como bloqueios em postos de controle de 160.000 dos seus habitantes que habitualmente vão trabalhar em Israel, por outro lado da parede, etc. Esta população agora não tem onde se refugiar e viver em segurança.

Ainda pior, e numa outra escala, para 2,4 milhões dos seus compatriotas palestinos, muitas vezes familiares próximos, empurrados para outro território, a apertada Faixa de Gaza, um enclave que há muito se tornou uma “prisão a céu aberto” e agora transformado em “inferno”, como já tinha ameaçado o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu. De fato, durante meses os palestinos de Gaza foram privados pelo seu carcereiro, Israel, de todos os seus meios essenciais de subsistência: água e alimentos (para os quais, entre outras coisas, já dependiam de ajuda humanitária no valor de 500 caminhões de reboque por dia), eletricidade e gás, cuidados e estabelecimentos de saúde, abrigos temporários, meios de comunicação, etc. E, além disso, desde então têm sido alvo de ataques aéreos (com bombas de fósforo e outros) e de disparos igualmente indiscriminados (muitas vezes controlados apenas pela inteligência artificial) por parte de um dos exércitos mais poderosos do mundo: o de Israel, apoiado e armado pelo Império Americano, visando a destruição de tudo para facilitar às tropas terrestres a busca e eliminação de membros do exército de Hamas em poder em Gaza, um dos movimentos de resistência à opressão agora centenária do Estado Hebreu. Israel poderá assim continuar a vender o seu armamento de ponta e tecnologias de vigilância certificadas e “testadas em batalha” a vários regimes autoritários em todo o mundo *(Relatório Chris Hedges, 17 de novembro de 2023).*

Até hoje, a fúria deste novo “Herodes”, chamado Netanyahu, que recusa para sempre qualquer forma de soberania ao povo palestino, está em processo de apagar um dos seus próprios povos desta terra do Oriente Médio. Quem poderia imaginar que a população judaica da Europa, que tinha sido objeto de uma terrível “solução final” sob a Alemanha de Hitler, veria um dia Israel, povoado pelos descendentes dos seus sobreviventes e outros compatriotas, adotar nos dias de hoje medidas tão radicais como solução para o “problema palestino”, no mínimo semelhantes ao genocídio? EEE (/ver

E num contexto histórico em que a culpa ou o arrependimento dos países ocidentais pelos séculos de antissemitismo e por sua falta de ação na época da Shoah, os predispõem , desde 1945, a uma complacência quase incondicional frente às políticas de Israel, além de lhe proporcionar um significativo apoio econômico e militar. Uma política que equivale a um veto ao “direito de defesa” dos palestinos. Assim, no centésimo dia das atuais hostilidades, o Primeiro-Ministro Netanyahu conseguiu assegurar ao mundo que nada impediria Israel até que os seus três objetivos fossem alcançados, nomeadamente a libertação dos reféns, a destruição do Hamas e o precedente muito distinto, para torná-lo para sempre impossível que a segurança de Israel seja novamente ameaçada pelos palestinos (ICI Radio-Canada, 14 de janeiro de 2024). O que se entende por este último objetivo?

Assim como Herodes, Netanyahu também se refere às Sagradas Escrituras, especialmente à Torá. Israel está a levar a cabo o único empreendimento colonial contemporâneo que geralmente se baseia na Bíblia para se justificar (de acordo com Mitri Raheb, um teólogo cristão palestino que vive em Belém), e sugerindo que o plano divino previa e prometia um “retorno” do seu “povo”. sem terra” para esta “terra sem gente”, autorizando assim a suspensão de qualquer norma de direito internacional. Um projeto baseado numa convicção religiosa que constitui também um álibi oportuno para outros interesses, nomeadamente geopolíticos. Outro exemplo, mais particular,

 Netanyahu reivindica, perversa e erradamente, a “lei da retaliação” (Êxodo 21, 23f; Levítico 24, 19; Deuteronômio 19, 21) — uma lei que visava antes desacelerar ou colocar um limite à vingança — legitimar antes um “castigo coletivo” a ser infligido a todo o povo palestino pela raríssima incursão de importância levada a cabo pelo Hamas em território israelita, no dia 7 de Outubro, para perpetrar a terrível carnificina que conhecemos contra os civis em sua maioria, e fazendo com que os israelitas vivenciem, pela primeira vez numa tal escala, o que os palestinos têm sofrido durante tanto tempo. O Gabinete das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA) informa, neste sentido, que entre 2008 e setembro de 2023, 5.364 palestinos foram mortos em Gaza, em comparação com 52 soldados israelitas.

# A agressão de 7 de outubro não ocorreu “fora de contexto”

# (Antonio Guterres)

Algumas considerações contextuais são necessárias aqui para colocar em perspectiva tanto os acontecimentos de 7 de outubro de 2023 como as suas consequências. O ataque daquele dia por organizações palestinas coordenadas pelo Hamas foi surpreendido pelo colapso da defesa israelita, capturando facilmente várias dezenas de soldados. Mas ao atacar também civis israelitas e estrangeiros de uma forma atroz (resultado de “caos” e “erros”, argumentará então o Hamas, AFP, *Le Devoir,* 21 de janeiro de 2024), a operação tornou-se indesculpável neste aspecto específico. Desesperada ao ver a opinião internacional desviar a sua atenção da causa palestina ou mesmo vê-la escorregar definitivamente para debaixo do tapete da história, com a iminência de um acordo entre Israel e o regime autoritário da Arábia Saudita, e também desesperada pelo interminável bloqueio de Gaza, por tantos crimes impunes de Israel e pela desproporção de forças, o Hamas terá servido a esta justa causa. Israel também terá prejudicado os seus, ao confirmar a sua brutalidade histórica, habitual e “aterrorizante” para com a população palestina, e ao gerar entre os seus aliados e na comunidade internacional um consenso em torno de uma solução: a criação de um estado palestino! Além disso, Israel pode censurar o Hamas por ter como objetivo a sua erradicação (terá realmente os meios?), e afirma que a sua atual operação se deve apenas aos acontecimentos de 7 de outubro e que visa apenas libertar os reféns e eliminar Hamas, que acusa de tomar a população de Gaza como refém ou como escudos humanos, mas os fatos dizem o contrário.

Em primeiro lugar, notemos que décadas antes da criação do próprio Hamas (2007), Israel já tinha encerrado milhões de palestinos nesta “prisão” insustentável que é Gaza, monitorando-a militarmente, de início no próprio local, e depois, a partir do exterior, desde 2005, “do outro lado de um muro” . E agora, a matança dos habitantes de Gaza chegou a uma escala “industrial”, matando-os ou ferindo-os às dezenas de milhares, até em hospitais e creches, além privar de matar de fome e privar de tudo centenas de milhares de palestinos! O Hamas, por sua vez, matou mais de 1.140 pessoas e fez 240 reféns, depois retirou-se. Desde então, libertou mais de uma centena deles e poderia fazer mais se Israel concordasse com um cessar-fogo, enquanto este último continua implacavelmente os seus ataques assassinos, arriscando mesmo a vida dos reféns que afirma querer libertar. Vinte e oito deles já foram mortos em ataques israelenses, segundo o Hamas. Da mesma forma, como podemos culpar o Hamas, como governo eleito de Gaza, por estar entre o seu povo? Os túneis aqui não são uma condição de resistência digna desse nome, ao mesmo tempo que oferecem abrigo aos reféns? Teriam os combatentes da resistência francesa (certamente “terroristas”, do ponto de vista alemão) da Segunda Guerra Mundial sido criticados por se esconderem na própria França?

Outros fatos envolvendo Netanyahu e o Hamas são bastante perturbadores. Em junho de 2014, após sete anos de tensões entre o Fatah (Cisjordânia) e o Hamas (Gaza) e negociações com Israel (até a repentina retirada deles em 24 de abril), os palestinos dotaram-se de um governo de unidade nacional, aceitando até o Hamas que nenhum de seus representantes participa como ministros. O novo governo está pronto para rejeitar a violência e reconhecer o Estado de Israel. O presidente israelita, Shimon Perez, vê-o como um passo positivo, mas o governo Netanyahu rejeita este governo de unidade que quer impedir de funcionar e reinicia a colonização. O que leva então a uma retomada do conflito e da violência (Guy Durand, *Israel e Palestina. História antiga e fraturas atuais* , Montreal, Éditions des Oliviers, 2016, p. 132-133).

Outro fato perturbador: sabemos que, sob todos os seus governos, Netanyahu tem favorecido sistematicamente o Hamas, este chamado grupo “terrorista”, para melhor dividir os palestinos e impedir a Autoridade Palestina de avançar no estabelecimento de um Estado palestino? A partir de 2018, manteve negociações indiretas com o Hamas através do Egito, facilitou a entrada em Gaza de malas de dinheiro do Qatar ou de outro lugar para o financiamento do Hamas e, finalmente, negociou com este último a concessão de milhares de autorizações de trabalho para habitantes de Gaza cujos salários mais elevados contribuíram assim para a paz social neste território. Os governos de Netanyahu chegaram ao ponto de, por vezes, fechar os olhos aos lançamentos de foguetes ou às operações militares esporádicas e menores por parte do Hamas, visto então como um trunfo e até como um “parceiro”! E agora, desde 7 de outubro, é toda esta política de fortalecimento indireto do Hamas, segundo um observador, que está a explodir na cara dos israelitas e a virar fumo (Tal Schneider, “Durante anos, Netanyahu apoiou o Hamas. Agora explodiu na nossa cara”, *The Times of Israel*, 8 de outubro de 2023). Eles não vão perdoar Netanyahu, que desde então parece ter escolhido o caminho da fuga!

Finalmente, e em contradição com as afirmações israelitas, considere o seguinte. A Autoridade Palestina (a antiga Fatah de Yasser Arafat), eleita e confinada na Cisjordânia, e que, por sua vez, reconheceu formalmente o Estado de Israel (Acordos de Oslo, 1995), colabora mesmo com Tel-Aviv para a manutenção da segurança e ordem neste território. E, no entanto, a Cisjordânia sofre uma ocupação militar permanente do seu território por Israel, com todas as formas de opressão, destruição e expropriação acima mencionadas, bem como de colonização e amputações regulares do seu território (agora reduzido a um “gruyère”), desafiando repetidas resoluções da ONU! Na verdade, mesmo antes de 7 de outubro, multiplicaram-se os apelos à anexação total da Cisjordânia na coligação governante em Israel, à qual uma grande parte da população israelita se opõe, incluindo a ocupação deste território (Charles Enderlin, “Historica revolta em Israel. Colonização, ponto cego do protesto”, *Le Monde Diplomatique,* outubro de 2023, p. 6.) Então, o que Israel pretende em relação aos palestinos no território da Cisjordânia? Provavelmente a mesma coisa que acontece atualmente em Gaza, onde o imenso passo em falso do Hamas, cujas atrocidades Israel se apressou a mostrar aos meios de comunicação de todo o mundo, permitiu-lhe, finalmente, implementar de forma acelerada o desmantelamento do obstáculo palestino, parecendo apenas “defender-se”. Eu voltarei a isso.

Assim, o Secretário-Geral das Nações Unidas, Antonio Guterrez, teve razão em ousar dizer, para grande desgosto de Israel, que a agressão de 7 de outubro, em si altamente repreensível, “não foi produzida fora de qualquer contexto”. Nem suas sequências, aliás. Sim, Rachel também chorou no dia 7 de outubro diante de tanto horror, mas outra questão continua a surgir: por que o governo de Israel, cujo serviço de inteligência, o Mossad, é incomparável, ignorou, segundo o New *York Times* (30 de novembro de 2023), os múltiplos sinais (incluindo 8.200 e-mails, segundo o *The Guardian* de 23 de novembro de 2023) avisando-o com até um ano de antecedência, por exemplo no documento detalhado “Jericho Wall”, do ataque iminente de 7 de Outubro, sem se preocupar com a segurança da sua própria população ou de potenciais vítimas e reféns?

# Retaliação ilimitada

Este golpe não foi, portanto, o início da história, mas uma violência secundária ou retaliatória em relação à primeira, estrutural e constante violência exercida por Israel, e falsamente chamada de “paz” ou “calmaria — na verdade, até quando os cidadãos de Israel vão se contentar com a tal “paz” e, acima de tudo, deixar-se confinar a ela pelos seus líderes? Em retaliação, ou como repressão (ou terceira violência) da resposta liderada pelo Hamas à primeira opressão, o “fogo” de Netanyahu contra Gaza já provocou, no 103.º dia de ofensiva, pelo menos 30. 000 mortos (estimando também o número de desaparecidos enterrados sob os escombros) e mais de 62.000 feridos. Mais de 70% dos mortos são mulheres e crianças, pelo menos 12 mil neste último caso — incluindo 10 mil já identificadas — (*Al Jazeera* , 25 de janeiro de 2024), crianças muitas das quais já nem sequer têm uma mãe para cuidar delas. O exército israelita também forçou o deslocamento (e repetidamente) de 2 milhões de pessoas para parecer querer poupar civis, ou quase 90% dos 2,4 milhões de habitantes deste território não maior que a Ilha de Montreal. Simples “danos colaterais”, tal massacre de civis inocentes? O Papa Francisco rejeita esta noção em tal caso, e fala em vez de “terrorismo” e “crimes de guerra” (AFP, 8 de janeiro de 2024), fruto de uma

“loucura sem desculpas” (França 24, 25 de dezembro de 2023). Em Gaza, Netanyahu e Israel já fizeram o irreparável e estão a caminho de ultrapassar Herodes!

Mas ainda há mais. As carências impostas também estão a inverter as piores previsões da catástrofe humanitária antecipadas desde os primeiros dias. De acordo com a ONU, em 19 de janeiro, 80% dos habitantes de Gaza já estavam ameaçados de fome, incluindo a maioria das crianças. Sem falar nas epidemias resultantes de condições insalubres e no frio que assola os campos onde os deslocados se refugiaram, por vezes eles próprios alvos expressos dos ataques israelitas. Como poderiam as crianças que ainda sobrevivem, e muitas vezes são mutiladas, não permanecerem permanentemente politraumatizadas? A desproporção ou o excesso da atual operação israelita revela uma apreciação diferenciada do valor das vidas humanas envolvidas, reduzindo a quase nada, como sempre, o das vidas palestinas. Mesmo para alguns dos aliados ocidentais de Israel, “esta desproporção muda o problema” (E. Macron). Até familiares dos reféns também se manifestam contra esse excesso, aumentando o número de manifestações em que a população adere. Continuaremos assistindo a uma guerra israelita “contra o Hamas” ou melhor, “contra os palestinos”, tanto em Gaza como na Cisjordânia?

**… com que propósito?**

O que pretende o atual governo de Israel ao tornar a Faixa de Gaza “simplesmente inabitável” e “um lugar de morte e desespero”, segundo a ONU? E em breve talvez desabitado, como propôs o ministro israelita da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir (da extrema-direita religiosa), como “solução” para o conflito: uma emigração massiva a combinar com uma recolonização israelita deste território? Que impacto tem também a descoberta de imensas reservas de petróleo e gás natural sob Gaza e sob a sua costa — e para as quais Israel já concedeu licenças de exploração a grandes empresas — na operação em curso e nos seus objetivos? Com Israel recusando qualquer possibilidade de criação de um Estado Palestino, quem será o proprietário destes recursos que poderiam ter tornado este Estado próspero? A resposta parece óbvia (França 24, 18 de janeiro de 2023). E como, também, podemos ignorar que o impopular Netanyahu (15% de apoio em 18 de janeiro de 2023) procura aqui salvar a sua carreira política, bem como escapar aos processos judiciais a que já foi sujeito, razões pelas quais ele está pronto para tudo, inclusive o sacrifício de um povo inteiro e de seus filhos. Herodes também devia ter grandes interesses para defender! Em Gaza, como na Cisjordânia, como é que os gritos e as lágrimas de Rachel não poderiam ser intermináveis para os seus filhos, nos quais o seu algoz não pode ou não quer ver outra coisa senão futuros combatentes do Hamas?

Mas, no final das contas, será que este governo de extrema-direita, messiânico e ultraortodoxo, e contando assim com ministros “supremacistas judeus”, não procura “no nevoeiro da guerra” ter sucesso, desta vez, na expulsão de todos os palestinos (incluindo os de Cisjordânia) que sobrevivem à atual “guerra”, expulsão iniciada em 1948 (cerca de 800.000 pessoas, ou 75% da população tornando-se refugiada) mas nunca concluída, causando assim uma segunda Nakba (“desastre”)? (Meron Rapoport, “O 'segundo governo Nakba' dimensiona seu momento”, *Revista +972* , 2 de janeiro de 2024); Richard Falk, “ O objetivo final de Israel é muito mais sinistro do que restaurar a 'segurança'”, *Middle East Eye* , 6 de novembro de 2023). Quando este artigo estava sendo encerrado, Netanyahu estava enrijecendo: anunciou o futuro controle militar de todo o território a oeste do Vale do Jordão, o desejo de anexar a Cisjordânia e a recusa clara de qualquer Estado palestino, contrariando a solução de dois Estados defendida pelos Estados Unidos e por muitos outros países. Ele foi imediatamente criticado publicamente por Gadi Eisenkot, ex-chefe do Estado-Maior do Exército e membro do atual Gabinete de Guerra! (França 24, 18 de janeiro de 2023).

Apesar do atual massacre, Netanyahu promete, de fato, trabalhar durante mais semanas e meses, se necessário, para completar esta grande “limpeza”, recusando qualquer cessar-fogo, mesmo humanitário. Para além dos próprios ataques, a aniquilação dos palestinos promete, portanto, aumentar com a mortalidade que resultará inevitavelmente da escassez sustentada imposta aos habitantes de Gaza. Fome e epidemias como arma de guerra! Isto será tanto ganho para a realização do grande sonho sionista, de acordo com a lógica de

Netanyahu que, em 2018, “fez com que o Knesset adotasse uma lei que definisse Israel como o Estado-nação do povo judeu” (“Israel se torna um 'etnocracia’”, *Le Monde Diplomatique,* setembro de 2018). Além disso, à luz desta operação cataclísmica atual, a incursão de 7 de outubro parece cada vez mais o pretexto procurado, se não provocado, para dar luz verde à concretização de tal desígnio. Tudo isto com o apoio quase impassível, mas ainda assim teimosamente incondicional, dos Estados Unidos, que pedem para poupar ao máximo os civis, mas multiplicam os vetos na ONU contra as resoluções de cessar-fogo. Assim foi há 2.000 anos, quando o Império Romano apoiou a injustiça dos governantes judeus contra o seu próprio povo e os seus filhos. “Herodes tem o direito de se defender”, ainda acreditamos ouvir; slogan enganador lançado pela propaganda israelita e ecoado por todo o Ocidente, incluindo o Canadá, um país que dá lições e que muitas vezes se orgulha de estar na vanguarda do mundo em termos de princípios e valores.

# Posições políticas canadenses e de Quebec

O Canadá, este “seguidor” habitual do seu vizinho americano, acabou, após dois meses de hesitação política e abstenção nas resoluções da ONU, por votar a favor de um “cessar-fogo humanitário imediato” em Gaza no dia 12 de dezembro, mas não sem apelar que o Hamas deponha as armas! Em outubro de 2023, ele também se uniu em defesa de uma “solução de dois Estados” que já era apoiada quase unanimemente em todo o lado (Radio-Canada, 12 de dezembro de 2023). Também não podemos ignorar dois importantes “soluços” por parte dos nossos governos. Em primeiro lugar, o de Ottawa desacreditando num sussurro o mérito do processo iniciado pela África do Sul perante o Tribunal Internacional de Justiça sobre a questão de um possível genocídio por parte de Israel contra o povo palestino em Gaza. O segundo “charlatão” desta vez chegou do governo CAQ em Quebec, demonstrando duas vezes a sua oposição a um cessar-fogo em Gaza, primeiro em 1º de novembro durante uma moção do partido de solidariedade de Quebec na Assembleia Nacional, depois em 15 de dezembro em reação à decisão de Ottawa de apoiar tal pedido (*Le Devoir*). Poderia esta atitude ter a ver com o plano deste governo de abrir um escritório em Quebec, em Tel Aviv, Israel? (Imprensa Canadense, 24 de novembro de 2023)? Ou seria mais uma manifestação das persistentes dificuldades do CAQ em estar alinhado com a opinião da maioria dos quebequenses?

# Reacenda a consciência de uma humanidade comum e fique ao lado dos mais vulneráveis para ajudar Rachel a encontrar esperança

É evidente que os gregos tinham razão, como me escreveu o meu amigo André Myre, um estudioso da Bíblia: “os deuses enlouquecem aqueles que querem destruir”! Tal como este outro “açougueiro”, o do Kremlin, impiedoso pelas crianças que morreram sob os bombardeamentos russos de Aleppo, na Síria, ou mesmo por ter tido mais de 16.226 crianças ucranianas raptadas e deportadas a partir de 23 de março de 2023 (The *Duty*), Herodes e Netanyahu, estes dois potentados narcisistas e paranoicos, fantoches/jogadores no grande jogo da geopolítica e dos seus interesses básicos de todos os tipos, expressos em estruturas, instituições e estratégias injustas e criminosas, não conseguem compreender a humanidade que procura tornar-se nova através de seus filhos. A 13 de Outubro de 2023, Netanyahu, através do seu ministro da Defesa, já tinha desumanizado os palestinos, declarando-os “animais humanos”. Estes três também não conseguem compreender o Natal: a alegria indescritível que brota da vinda de um Deus que se encarna humildemente, não o de um “rei” ou de alguma outra pessoa poderosa, mas o mais vulnerável possível: o de uma criança, desta Criança chamada Jesus, cujo caminho inteiro fará dele um mensageiro incomparável de justiça e de paz. Uma irrupção divina que testemunha também uma solidariedade não correspondida com a humanidade e, consequentemente, a dignidade incompreensível dela e dos seus filhos. É neste sentido que de uma manjedoura num estábulo de Belém, este Menino “nos chama a todos”, como sublinha um antigo hino popular, para que Raquel nunca mais tenha que chorar (e ser consolada) por outros de seus filhos, sejam eles quem forem.

Na transição do final de 2023 para o início de 2024, a desumanidade está escrevendo algumas das páginas mais monstruosas e sem precedentes da sua história. Não podemos imaginar que a acumulação de mal-entendidos, injustiças, sofrimentos, insegurança, raiva e ódio e, em certos casos, mal-entendidos sobre o divino em cujo nome afirmamos agir, poderia ter levado a tal desastre, a um vulcão em erupção! Depois de mais de um século, o conflito entre Israel e a Palestina ilustra mais uma vez como o mundo, tal como é, não consegue escapar aos seus 0velhos hábitos. Os mais poderosos, ou os vencedores “enlouquecidos” pelos seus interesses ilusórios e escravizadores, impõem a sua ordem e, com o tempo, acabam achando estar certos, enquanto os mais fracos, ou os vencidos, invariavelmente parecem estar errados, mesmo se fica evidente que as regras do direito internacional são constantemente desprezadas no confronto em questão. Não será um mundo assim absolutamente ultrapassado, perigoso para todos e sem futuro, especialmente numa época de grandes desafios ambientais? Quando haverá uma época para retomar a promessa bíblica tão inspiradora de “novos céus e uma nova terra”, tão familiar a Israel, onde “o lobo e o cordeiro pastarão juntos” (Isaías 65, 25)? Da mesma forma como as crianças muçulmanas e cristãs da escola de Ramallah, por exemplo, de onde provém a fotografia do presépio anexa a este artigo, estudam e brincam juntas, sem qualquer discriminação?

É claro que, frente a esta situação, ficamos atordoados e nos sentimos impotentes, com uma vontade irresistível de gritar. Mas, ao invés, não podemos, pelo menos, informar-nos o melhor que pudermos (história, acontecimentos atuais, etc.) e contribuir onde moramos e junto aos nossos governantes para a ascensão de uma opinião pública internacional ? Primeiramente como desaprovação da crueldade sem nome e em grande escala que atualmente assola Gaza, exigindo de entrada um cessar-fogo imediato, a libertação dos reféns, o reabastecimento urgente e o resgate da população local, e depois o estabelecimento de uma solução justa para este conflito?

Este texto, obviamente aberto ao diálogo e ao debate, é o resultado dessa busca de informação e de reflexão cidadã sobre esta última questão. Caso contrário, se simplesmente fecharmos os olhos ou desviarmos a cabeça, ou se deixarmos que o medo de sermos acusados de antissemitismo ou de islamofobia, conforme o caso, nos paralise e iniba qualquer crítica saudável aos acontecimentos atuais... não significaria isso desistir de manter acesa dentro de nós a pequena luz da consciência de uma ‘humanidade comum’? Da mesma forma, como o advento de Jesus continuaria a ser, pelo menos para os cristãos, o anúncio singular de uma verdadeira salvação? Que significado nossa vida poderia tirar deste acontecimento para esperar uma paz justa e duradoura entre estes dois povos semitas do Médio Oriente Médio - palestino e israelense? É uma tarefa de solidariedade que não pode ser deixada apenas aos líderes, inclusive aos eleitos. É esta tarefa que muitas organizações e grupos já realizam nesta mesma região, certamente pequena, mas profética. Devemos ouvir e fazer ouvir as suas vozes, e articular as nossas próprias iniciativas como são feitas, no Québec, por exemplo, pelo *Coletivo Fracasso à Guerra (Échec à la guerre)* e a organização *Vozes Judaicas Independentes*.

Para acelerar o esperado advento de um outro mundo através do desfecho do conflito atual, não poderemos também estar solidários ao lado dos mais vulneráveis para apelar ao respeito em relação às sucessivas resoluções das Nações Unidas que lhes dizem respeito, para que os seus direitos históricos fundamentais possam ser restaurados? Ao invés de nos limitarmos a uma falsa neutralidade que, em última análise, conduz, mesmo involuntariamente, a aumentar ainda mais as injustiças sofridas pela população palestina, a minimizar o valor das suas vidas e a consentir numa forma de cumplicidade e primazia hoje dada à única regra da força bruta? Talvez, então, as crianças de Gaza, da Cisjordânia e de Israel poderão, enfim, aprender a dançar juntas, sob o olhar encantado de Raquel?

***Michel Beaudin, teólogo, professor aposentado do Instituto de Estudos***

***Religiosos da Universidade de Montréal***

26 de janeiro de 2024

**Traducido al português por: Moema Viezzer, brasileña, socióloga,escritora, educadora popular. Autora, entre otros, de "Si me permiten hablar... Domitila (La Pequeña Editorial, Argentina, 2020)  y Abya Yala - genocídio, resistencia, sobrevivencia de los pueblos originários de las Americas (Ed. Libros Condor, Chile, 2023)**